Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca

BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

GOVERNO DO POVO: TRABALHA, VIVE E SE FORTALECE PELO POVO

DISCURSO PROFERIDO EM SÃO PAULO, A 3 DE OUTUBRO DE 1968, DURANTE ALMOÇO OFERECIDO PELO DIRETÓRIO REGIONAL DA ALIANÇA RENOVADORA NACIONAL (ARENA).

A reunião de tantos companheiros — pois é nesta qualidade principal que me encontro aqui — traz-me irresistivelmente à memória a nossa convenção de 25 de maio de 1966, quando defini, muitos meses antes de ser eleito, a linha política de que me serviria para orientar a ação do nosso governo.

«Não vos prometo milagres» — disse eu aos Convencionais, naquele dia memorável — «Nada tenho de carismático. Prometo, sim, a vós e à Nação, trabalhar incessantemente, corajosamente, pelo bem comum, pela regeneração de nossos costumes políticos, pelo restabelecimento da ordem constitucional e democrática, de modo a não tolerar a corrupção, a não permitir a subversão, a armar as nossas instituições livres e cristãs dos meios necessários à sua defesa, de modo a permitir a reorganização da vida nacional.»

Tendo proferido estas palavras perante a ARENA, quero agora dizer que, sem o apoio da Aliança Renovadora Nacional, não me seria possível repeti-las, como quem não teme reler um termo de compromisso, fielmente cumprido.

Milagres, não fiz até aqui e se a poltica é arte do possível, milagres continuo a não esperar no caminho difícil que ainda resta a percorrer. Mas, no domínio do possível, há coisas que se nos afiguram milagrosas, se as medimos pela altura dos obstáculos que delas nos separavam e pela magnitude do esforço despendido para alcançá-las.

Ainda ontem, num encontro com a classe industrial, recordávamos, a impressão de incompatibilidade, recolhida de muitos, às vésperas da intalação do Governo, entre a contenção do ciclone inflacionário e a retomada do desenvolvimento, em ritmo compatível com as aspirações do País. Aquele «Trabalhar incessantemente, corajosamente», que vos prometi, já produziu a esta altura alguns resultados posi-

tivos, suficientes para permitir-nos visualizar a meta plenamente atingida em 1970.

Na esfera política, o restabelecimento da ordem constitucional e democrática está assegurado, de tal modo que os mais acirrados dos nossos adversários têm que recorrer à imaginação e ao subterfúgio; têm que comprometer-se perante a opinião pública na deformação mais grosseira da realidade, para negar que a Constituição funciona, que o Congresso exerce livremente o seu alto papel de representante do povo e da Federação, que as liberdades fundamentais estão protegidas pelo Poder Executivo e pela livre manifestação do Judiciário. A Imprensa trabalha, opina e circula, resguardada de qualquer tipo de constrangimento. E a Oposição atua, na Câmara e no Senado, limitada apenas pela ausência de um corpo de idéias ou de um programa que lhe permita criticar os atos do Governo e as posições do nosso Partido, com mais coerência, objetividade, eficiência e verdade.

Só não toleramos, nem toleraremos, que floresça livremente entre nós aquilo que um ilustre homem de Estado da Alemanha identificou recentemente como o mais novo elemento do jogo político universal: a atividade de grupos extremistas que, à margem dos movimentos de oposição, rondam e ameaçam, de vez em quando, o edifício da democracia. E ainda assim estou e estarei cumprindo uma daquelas promessas à convenção de 1966, não permitindo a subversão sob qualquer das formas que possa comprometer o trabalho de reorganização da vida nacional.

A democracia não teme os extremistas, de esquerda ou de direita; mas, não os teme porque está armada dos meios de defesa, o mais poderoso dos quais é a nítida e indiscutível preferência que lhe dá o nosso povo, por temperamento, formação e destinação histórica.

Nem tudo se vence pela força. Um grande partido democrático, unido, vigoroso e identificado com as mais profundas tendências do espírito popular é a vanguarda e o sustentáculo maior do regime, que somente por exceção indesejável há de apelar para o recurso às armas.

Um dos melhores sintomas de que marcharemos para a consolidação completa das instituições livres é a rapidez com que a nossa ARENA supera o saudosismo provinciano das velhas legendas, para se afirmar como organização partidária dotada de unidades, de personalidade própria e de um espírito de luta que já lhe deu esplêndidas vitórias no Congresso e a fará vitoriosa nas próximas eleições municipais.

Como Presidente da República, em nosso sistema constitucional, cabe-me a liderança da vida política do País e pretendo continuar a exercê-la sem qualquer desvio sectário. Mas, não posso deixar de orgulhar-me de pertencer a este Partido, cuja solidez e lealdade tem sido a base de toda a obra administrativa que o Governo vem realizando, e me ajudam a repetir a palavra estimulante de São Bernardo: «Não é forte o espírito que não cresce à vista da dificuldade.»

O mesmo São Bernardo observou certa vez que se faz discípulo de um néscio quem a si mesmo se toma por mestre. O chefe de um governo democrático não pode julgar-se dono da verdade, pois só o povo a possui e comunica aos governantes através dos partidos que o representam. Por isso coloquei nas mãos da ARENA o nosso «Programa Estratégico de Desenvolvimento», para que ela o levasse ao povo e nô-lo devolvesse enriquecido pela sua experiência política e vivificado pela opinião pública.

Muito já devo à Aliança Renovadora Nacional. Fico lhe devendo hoje mais esta manifestação desvanecedora de apoio, a que se associam tantas altas figuras da vida pública de São Paulo e do País. Mas, ouso dizer que ainda muito mais espero de sua união, de sua pujança, de sua capacidade política. Espero, sobretudo, que, sob a direção de líderes autênticos como Daniel Krieger ela continue a crescer e a vencer como partido, pois, na medida em que vença e cresça a ARENA, estará vitoriosa em nossa terra a bandeira da democracia, do desenvolvimento, do bem-estar do povo, da paz política e da harmonia social.

Fala-se em radicalismo. Diz-se que há elementos «radicais», pressionando o Presidente da República, para induzi-lo a tomar medidas discricionárias contra aqueles que fazem oposição ao Governo.

O passado do velho soldado, hoje à testa do Governo desta grande República, mais do que palavras, mais do que argumentos e muito mais do que falsas interpretações dos fatos, indicaria claramente que ao Presidente da República se pode aplicar a legenda deste magnífico Estado da Federação: «non ducor, duco».

Estejam tranqüilos aqueles que pensam — e, às vezes, apregoam — que o Chefe do Governo possa ser compelido a tomar atitudes que não as ditadas pelas suas próprias convicções e a praticar atos que não sejam de sua própria determinação.

Há radicais, sim, mas há radicais e radicais. Há os que se extremam, gratuitamente, em posições condenáveis, ou exacerbam um sentimento de má-vontade, alimentado por cálculo para efeitos predeterminados. E há os que, de boa-vontade e guiados pela razão, precisam ir às raízes das questões para bem resolvê-las. Neste sentido, Presidente da República e chefe de uma Revolução que ainda está em marcha neste País, não recuso para mim mesmo a qualificação de radical. Radical, porque «radicalmente» contrário a todos aqueles que pretendem destruir o já valioso patrimônio moral, cívico, social e político, construído pela Revolução de Março de 1964, que, dia a dia, mais se afirma e revigora.

Radical, por ser radicalmente contra tudo o que aí se apresenta com os laivos, de um passado torpe e vilipendioso, que os revolucionários apagaram naquele memorável 31 de Março, data que permanecerá nos anais da Pátria como de salvação nacional.

Radicais, sim, Senhores: somos todos aqueles que nos antepomos, vigorosa, destemida e patrioticamente, aos que querem, por meios solertes e aviltantes, fazer o País retornar ao caos em que se afundava naqueles ominosos dias de 1963, e princípios de 64.

Aos saudosistas das bacanais da desordem e da corrupção; aos apátridas e quintacolunas do comunismo, queremos deixar bem claro que a Revolução não está finda, nem morta, nem foi abrogada; ela está viva, em plena vigência e continua intacta nos ideais e princípios que a motivaram e que a sustentam ainda. Continuará, para dar ao Brasil a tranqüilidade, a segurança política e social de que tanto necessita este magnífico povo brasileiro, para a execução de um trabalho profícuo e fecundo, em prol da paz e do desenvolvimento nacional.

Não mais permitiremos — o povo, a ARENA e as Forças Armadas Nacionais (Marinha, Exército, Aeronáutica, e Forças Auxiliares) que a degradação política, a subversão oficializada, o negocismo, a exploração ideológica dos trabalhadores e dos estudantes, a indisciplina e a quebra de todos os padrões hierárquicos nas Forças Armadas se venham a repetir neste País, culminando em episódios como aqueles, ainda bem vivos na memória popular, dos dias de março de 1964.

Marchamos para o coroamento da òbra revolucionária, dentro de um processo evolutivo, para restabelecimento dos métodos e sistemas prevalentes numa sã e real democracia; num regime sério, respeitador dos princípios fundamentais da liberdade, da justiça, da dignidade humana e submisso aos imperativos da Lei e da Carta Magna, que nos orienta e conduz no trato da coisa pública.

Lei e Liberdade!

Liberdade e Autoridade!
Autoridade e Ordem!

Ordem e Progresso, vale dizer: desenvolvimento, independência política, econômica e social.

Ordem e progresso não são e não serão palavras vãs, nem apenas dístico decorativo do Pavilhão Nacional. Serão, sim, palavras sagradas, expressando a firme determinação de um povo que abomina a anarquia, a desordem, a violência, a escravidão política ou a opressão social; que despreza a ditadura e os ditadores e, por isso mesmo, sabe impor sua vontade apoiando este Governo, que é o «seu» Governo, é o Governo do povo, é o Governo que trabalha para o povo, e que vive, sobrevive e se fortalece pelo povo.

Ordem e progresso, liberdade de pensar e de dizer, liberdade até de mentir, e de ofender, mas sem extrapolação para a subversão e para a desordem, porque a isto se opõe este povo sábio e sagaz, que se mantém firme na aspiração e na determinação de crescer, prosperar, educar-se, enriquecer, fruir os benefícios de uma paz duradoura, de um clima de trabalho, de austeridade e de honradez.